

ARTE DE MÚSICA
(1968)

“LA CATHÉDRALE ENGLOUTIE”, DE DEBUSSY OU O NASCIMENTO DA ÉTICA EM JORGE DE SENA

Sebastião Edson Macedo*

O poema “‘La Cathédrale Engloutie’, de Debussy” abre o 8º livro de poemas de Jorge de Sena, *Arte de Música* (1968). Escrito no final de 1964, o poema se articula em torno de um acontecimento biográfico decisivo para Sena: a audição do prelúdio para piano nº 10 (vol. I) de Claude Debussy com esse título. Tal audição, acontecida em 1936, teria provocado em Sena uma espécie de iluminação estética a partir da qual o jovem Jorge Cândido, então com 17 anos, sente-se impelido a escrever poemas. De fato, o poema mais antigo registrado por Sena em livro, “Desengano”, data justamente de 1936. Daí em diante, ao longo de mais de 40 anos de criação literária, Sena não cessou de buscar traduzir em versos a potência irreduzível da música como expressão profunda do humano. Essa busca culmina, sem dúvida, nos poemas de *Arte de Música*, onde a complexidade da experiência musical instiga e permeia a sensibilidade e também o impulso lírico seniano. O poema rememora as origens factuais dessa sensibilidade e imersão na música, e reflete sobre o caráter sublime da arte musical, capaz de desencadear uma consciência, ao mesmo tempo fascinante e trágica, “daquelas fendas ténues que na vida, / na minha e na dos outros, ou havia ou faltavam.”

Logo no início do poema, anuncia-se o papel da música no desvio do sujeito, de um destino aparentemente medíocre e até conservador, para um horizonte de possibilidades subjetivas inusitadas, extraordinárias e desafiantes. Ao narrar o apagamento daquele “homem parvo / que, nascido do jovem tiranizado e triste, / viveria tranquilamente arreliado até a morte.”, e a emergência de uma nova individualidade, criativa e questionadora, assomada de “exigência, anseio, dúvida e gosto / de impor aos outros a visão profunda, / não a visão que eles fingem, / mas a visão que recusam:”, o poeta

reconstrói o evento de uma metamorfose radical em sua subjetividade. Tal evento não acontecera de maneira paulatina mas sim subitamente, já que vem associado, no poema, a um “vaso da China, / pomposo e com dragões em relevo, que havia na sala, / e que uma criada ao espanejar partiu, / e dele saíram lixo e papéis velhos lá caídos.” A reminiscência doméstica do vaso que se parte, sugerindo um corte irreparável, aponta tanto para a simbologia dos ritos de passagem (e a noção correlata de perda da inocência) quanto para a dimensão traumática dessa ruptura com a ingenuidade, as certezas e a ordem, no deflagrar de uma nova realidade onde o caos, a dúvida e morte participam da visão de mundo do sujeito. Por isso, custa ao poeta apenas celebrar a música. A rigor, o poema começa justamente com a performance de um ressentimento com o prelúdio de Debussy: “Creio que nunca perdoarei o que me fez esta música.” Mas, no decurso de um intrincado memorialismo especulativo, o poeta opera uma dialética entre o drama de uma mente aguda, curiosa e irrequieta com a dádiva de poder explorar em verso inúmeras possibilidades de representação da experiência física e da envergadura metafísica da existência humana, o que o leva a concluir o poema dizendo diretamente à música: “Ah como havia em ti, tão só prelúdio, / tamanho alvorecer”.

Essa imagem do prelúdio anunciando um decerto glorioso alvorecer retoma e reforça aquilo que considero o eixo metafórico do poema: o nascimento poético de Jorge de Sena sob a égide da música. E, sendo possível dizer ainda que o próprio impulso de mimetizar o prelúdio em versos resulta em uma consciência singular sobre o potencial interventivo da música, com sua força inefável e sua ética intrínseca, seria preciso admitir que as tópicas do sublime e do testemunho, tão presentes na poética de Sena, emergem daí, da música. A leitura de “‘La Cathédrale Engloutie’, de Debussy” revela um poeta que “luta no vácuo de si mesmo e dos outros” para testemunhar aquelas “fissuras da vida” e ouvir música. Essa audição se desdobrará de forma invulgar, densa, e profícua ao longo de todo o livro

Arte de Música, dando azo a complexas reflexões a propósito do estatuto imagético da expressão musical, a potência semântica do discurso lírico, os limites da dialética interartes, o vestígio de tudo aquilo que é humano no impulso artístico, e a vulnerabilidade do sujeito no silêncio e no vazio.

* PhD em Literatura Luso-Brasileira pela Universidade da Califórnia em Berkeley. Mestre em Literatura Portuguesa pela UFRJ, com dissertação sobre a música em Jorge de Sena. Idealizador, junto com Gilda Santos, do site *Ler Jorge de Sena. Poeta*, publicou *as medicinas* (2010) e, junto com Brenda Hillman, traduziu para o inglês *A Teus Pés* de Ana Cristina César (*At Your Feet*. Parlor Press, 2018).*